

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

DANIEL VITOR DE OLIVEIRA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:
o papel do bibliotecário escolar no desenvolvimento do ser**

JOÃO PESSOA

2018

DANIEL VITOR DE OLIVEIRA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:
o papel do bibliotecário escolar no desenvolvimento do ser**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Ms. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

JOÃO PESSOA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

N972i Nunes, Daniel Vitor de Oliveira.

A importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo: o papel do bibliotecário escolar no desenvolvimento do ser / Daniel Vitor de Oliveira Nunes. - João Pessoa, 2018.

46 f. : il.

Orientação: Geysa Flavia Câmara de Lima Nascimento.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Leitura. 2. Desenvolvimento cognitivo. 3. Registros do conhecimento. 4. Bibliotecário escolar. I. Nascimento, Geysa Flavia Câmara de Lima. II. Título.

UFPB/CCSA

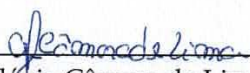
DANIEL VITOR DE OLIVEIRA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:
o papel do bibliotecário escolar no desenvolvimento do ser**

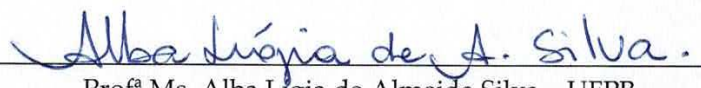
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Biblioteconomia,
da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharela.

Aprovado em: 12 / 11 /2018

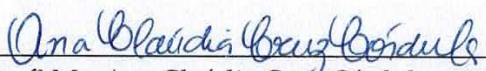
BANCA EXAMINADORA



Profª Ms. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento – UFPB
(Orientadora)



Profª Ms. Alba Lúcia de Almeida Silva – UFPB
(Membro)



Profª Ms. Ana Cláudia Cruz Córdula – UFPB
(Membro)

Dedico este trabalho ao Senhor Deus: Rei
dos reis, e Senhor dos senhores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Nome sobre todo nome, que me deu forças para chegar ao fim dessa jornada, que me colocou em pé sempre que caí e todas as vezes que pensei em desistir, me mostrou que poderia ir além do que imaginei.

A minha família, minha base, especialmente a minha mãe, Vanderiza de Castro de Oliveira, a quem devo tudo o que sou, que me ensinou a nunca desistir, que sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, principalmente nos mais difíceis.

A minha orientadora, Professora Geysa Flávia, sem a qual não teria concluído este trabalho, por toda a paciência nessa caminhada e por seus ensinamentos partilhados.

A todos (as) os (as) professores (as) que passaram por minha vida nesses cinco anos de Universidade Federal da Paraíba e a todos (as) os (as) servidores (as) da Coordenação de Biblioteconomia e do Departamento de Ciências da Informação.

A todos os meus amigos e amigas que sempre me incentivaram e estiveram comigo incondicionalmente.

A todos o meu muitíssimo obrigado.

*Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades. Lembrai-vos de que as
grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.*

Charles Chaplin

RESUMO

Apresenta pesquisa bibliográfica acerca da importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo do ser, abordando inicialmente a definição de leitura, bem como uma evolução histórica dos suportes dos registros do conhecimento, passando pela linguagem não verbal dos nossos ancestrais que gravavam o conhecimento principalmente em cavernas e registravam em pedras, argilas, tábuas, etc., chegando até a criação do papiro, do pergaminho e finalmente do papel, apresentando, também, a evolução histórica das bibliotecas da antiguidade às atuais. Aborda a forma que se dá a leitura desde os primeiros meses de vida até a adolescência, pois a leitura é feita independentemente da leitura de materiais escritos, sendo feita a todo o momento no dia-a-dia e possui importância imensurável para o aumento do acervo de informações necessárias ao desempenho de atividades, inclusive profissionais. Por fim, trata da importância da leitura escrita para o desenvolvimento crítico e intelectual do ser humano e o papel estratégico do bibliotecário escolar para incentivar esse importante hábito.

Palavras-chave: Leitura. Desenvolvimento cognitivo. Registros do conhecimento.

ABSTRACT

It presents a bibliographical research about the importance of reading for the cognitive development of the being, initially approaching the definition of reading, as well as a historical evolution of the supports of the registries of knowledge, passing through the nonverbal language of our ancestors that recorded knowledge mainly in caves and and even the creation of papyrus, parchment, and finally paper, and the historical evolution of libraries from antiquity to the present. It deals with the form of reading from the first months of life through adolescence, since reading is done independently of the reading of written materials, being done at all times in everyday life and has immeasurable importance for the collection of information necessary for the performance of activities, including professionals. Finally, it addresses the importance of the written reading for the critical and intellectual development of the human being and the strategic role of the school librarian to encourage this important habit.

Keywords: Reading. Cognitive development. Records of knowledge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO GERAL.....	11
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
2 A LEITURA e suas múltiplas definições.....	13
3 BIBLIOTECA: trajetória e descobertas	16
4 COGNIÇÃO HUMANA: uma abordagem do processamento da leitura	21
5 ESTRATÉGIAS DO BIBLIOTECÁRIO no melhoramento da cognição.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A pertinência deste estudo assenta na importância da leitura no processo da formação dos seres humanos, em geral, no contributo para a formação do seu espírito crítico e na expansão do ser, no seu todo. Muitas das ações que envolvem as dinâmicas do ato de ler encontram-se ligadas à educação e é no seu processo de desenvolvimento como pessoa que se encontra o discurso de estímulo à leitura e se liga social e sistematicamente a essa atitude. É provável que o incentivo à leitura seja um dos mais importantes ensinamentos e exemplos que os pais devem promover aos filhos, sendo que o hábito de ler se prende a três objetivos fundamentais: ler por prazer, para estudar e para se informar.

A leitura é uma atividade fundamental para realização social e profissional dos leitores, é algo que deve ser estimulado desde a infância para se concretizar, não existe uma única maneira de ler de forma eficiente, ela possui vários objetivos, não se lê apenas para aprender, mas para diversão, por curiosidade, obter informação e conhecimento.

Mas para atrair o indivíduo para o mundo da leitura, não se deve exigir a leitura como uma obrigação, antes é preciso abordar as diversas formas de ler, colocar sua importância e seu objetivo para o leitor. Pois através da leitura é onde podemos transmitir nossa cultura e formar grandes cidadãos. Quando a leitura é obrigatória, no qual é uma prática muito comum nas escolas, isso desestimula a busca, a criatividade, a curiosidade literária, principalmente quando é cobrado dos alunos fichamentos das leituras de forma muito rigorosa (LEAHY, 2006).

A biblioteca escolar aparece nesse contexto como um auxílio à sociedade, pois a mesma pode favorecer a desenvolver o gosto pela leitura, pois ela dá uma oportunidade aos alunos de ler uma grande variedade de materiais em diversos suportes, onde os alunos poderão ter a liberdade de escolher qualquer livro para ler sem a intenção direta do professor. A biblioteca escolar é um local de encontro entre leitores e o livro, onde o hábito da leitura pode ser praticado de forma espontânea.

Neste contexto, surge a importância do bibliotecário em uma instituição, o mesmo será responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca, ele terá o conhecimento e as competências relacionados com o fornecimento da informação e a resolução de problemas de informação, bem como perícia na utilização de todas as fontes impressas e eletrônicas, devendo criar um ambiente para o lazer e a

aprendizagem de forma a se tornar atrativo, acolhedor e acessível a todos sem medo de preconceitos.

A partir do exposto surge o questionamento: Quais as estratégias utilizadas pelo bibliotecário escolar no processo de formação cognitiva do leitor?

Diante do exposto, realizamos nossa pesquisa baseada na revisão de literatura referente a este assunto com objetivo de identificar as causas às quais algumas pessoas não possuem o hábito de ler e os possíveis problemas decorrentes da falta deste hábito, além de propor soluções para incentivar o uso da biblioteca - e de seu acervo - por parte dos usuários contribuindo para o desenvolvimento da análise crítica e disseminação da informação, oportunizando o conhecimento, mais precisamente e, sobretudo, fazendo referência ao papel do bibliotecário escolar neste contexto.

Para tanto, nossos objetivos foram delineados em:

1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a história da Leitura e da Biblioteca, desde suas definições, instrumentos utilizados no registro do conhecimento, mostrando o papel do Bibliotecário escolar no processo de Incentivo à Leitura.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar a Biblioteca quanto à:

- ✓ Trajetória Histórica, percorrendo desde o surgimento da escrita até o Livro;
- ✓ Leitura e sua importância para os indivíduos;
- ✓ Estratégias utilizadas pelo bibliotecário escolar no processo de formação cognitiva do leitor.

Dessa forma, abordaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica que conforme coloca Severino (2007, p.122):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a

serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos constantes dos textos.

Nesse espeque, Boccato, (2006), diz que a pesquisa bibliográfica objetiva a resolução de determinado problema através do uso de referenciais teóricos através dos quais importará em informação básica para o tema em questão:

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada com material já elaborado, a exemplo de livros, artigos, entre outras fontes, afirmando ainda que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2002)

Assim, conforme Pizzani (2012), este tipo de pesquisa, também conhecida como revisão de literatura, busca oportunizar informações sobre o tema a ser estudado, sendo, inclusive, fundamental para qualquer tipo de pesquisa, em qualquer nível, lato ou stricto sensu, pois contribui para desembaraçar a temática e auxiliar na escolha do melhor método e procedimento a ser empregado pelo pesquisador.

2 A LEITURA E SUAS MÚLTIPLAS DEFINIÇÕES

Inicialmente, precisamos definir o que é leitura, pois Segundo Martins (2006) a realizamos a todo o momento. Não se trata apenas de ler algo escrito, mas da interpretação que damos aos sons, figuras, gestos, quadros, situações, onde as nossas experiências e noções de mundo que temos, podem gerar diferentes significados da mesma coisa para diferentes pessoas. Inclusive, desde os primeiros anos de vida, com a observação, através dos sentidos, das coisas que nos cercam já iniciamos o ato de ler.

Entendimento esse ratificado por Freire (1989) que assevera que desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca.

Nesse esboço, Leffa (1996) define o processo de leitura da seguinte maneira:

O processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado (lingüístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo.

E continua sobre a definição de leitura:

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo (LEFFA, 1996).

Portanto, depreende-se que a leitura vai além da decodificação de símbolos lingüísticos, pois o ato de ler é realizado sempre que vemos algo e atribuímos significados de forma triangulada, sem a qual não há leitura. Por exemplo: ao olharmos para um carro novo, quase que imediatamente pensamos: quanto custou, o quanto é rápido ou confortável, etc.

Para Leffa (1996), “Ler é atribuir significado ao texto”, atribuindo ao leitor a tarefa de interpretar de acordo com sua formação enquanto ser social, devendo ser

feita de forma reflexiva, lenta, cuidadosa, sempre se utilizando de dicionários para definição de palavras desconhecidas, nos esclarecendo ainda que:

Pode-se definir restritamente o processo da leitura, contrastando-se duas definições antagônicas: (a) ler é extrair significado do texto e (b) ler é atribuir significado ao texto. O antagonismo está nos sentidos opostos dos verbos extrair e atribuir. No primeiro, a direção é do texto para o leitor. No segundo, é do leitor para o texto. Ao se usar o verbo extrair, dá-se mais importância ao texto. Usando o verbo atribuir, põe-se a ênfase no leitor (LEFFA, 1996).

Em se tratando da leitura textual, podemos dizer que esta é iniciada com a leitura do suporte o qual o texto está escrito e, nesse sentido, Martins (2006), ampliando nossa definição de leitura, exemplifica que “antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem cor, forma, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas”, ou seja, antes da leitura propriamente dita das palavras escritas, efetuamos a leitura sensorial do que estamos de posse e conclui que leitura é:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 2006).

A autora acima citada resume as definições de leitura, da seguinte forma, *in verbis*:

- 1) como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (MARTINS, 2006).

Segundo Cosson (2014), leitura engloba quatro aspectos importantes, como o leitor, o autor, o texto e o contexto, envolvendo a produção de sentidos que são atribuídos de acordo com experiências idiossincrásicas.

Já para Britto (2006), “ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”. Em outras palavras: a leitura que fazemos

de algo é resultado de quem somos e das experiências e conhecimentos que temos no momento.

Após definirmos o que é leitura e vermos que não se trata apenas de ler algo escrito encontrado em algum suporte, mas também da interpretação que damos a tudo que sentimos, vemos, ouvimos ou tocamos, podemos dar continuidade ao nosso estudo, visto que leitura é muito mais abrangente do que aquilo que estamos acostumados a imaginar.

Percebe-se então, que podemos atribuir inúmeros significados ao termo leitura, podendo ser entendido como simplesmente a decodificação de algo escrito, bem como, num aspecto mais amplo, a atribuição de significado a tudo que nos cerca em função da leitura que é feita em conjunto com os sentidos atrelados, ou não, à leitura de textos escritos.

Mas falar sobre a leitura ao longo do tempo é, ao mesmo tempo, falar da leitura na atualidade, isso porque a cronologia dos fatos não cabe quando conceitos de leitura, embora venham se modificando ao longo do tempo, não são descartados, como foi possível perceber durante os conceitos apresentados neste capítulo.

3 BIBLIOTECA: trajetória e descobertas

Podem-se definir as bibliotecas como um lugar de memória e de preservação do patrimônio documental, considerando-a como um espaço dinâmico e vivo tendo como uma das tarefas fundamentais colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita. Isso pode ser aferido, através de muitos séculos, onde os documentos bibliográficos, arquivísticos costumavam ser reunidos em palácios, igrejas e bibliotecas, das quais temos o exemplo da Biblioteca de Alexandrina. Portanto, até o século XV aproximadamente, esse patrimônio intelectual reunia com ele os seus guardiões, organizadores e compiladores.

Iniciando pela etimologia da palavra, Souza (2005), define Biblioteca:

Etimologicamente, a palavra biblioteca significa coleção pública ou privada de livros e documentos organizada para o estudo, leitura e consulta. Originária do grego *bibliothéke*, esta palavra chegou até nós através do latim *bibliotheca* derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca*, cujos significados são, respectivamente, livro e coleção ou depósito. Enfim, etimologicamente, a palavra significa depósito de livros. (SOUZA, 2005)

Partindo do excerto acima, vê-se que biblioteca, etimologicamente, significa depósito de livros, não possuindo, no início da sua história, acesso livre ao público, inclusive em sua estrutura arquitetônica, observava-se o objetivo de não permitir o alcance ao acervo.

Acerca das bibliotecas da antiguidade, Nascimento, Pinto e Vale (2013), afirmam que a biblioteca organizada por Assurbanipal II, governante Assírio, ainda no século VII a.C., a biblioteca de Nínive continha em seu acervo profecias, hinos, peças literárias, entre outros possuindo em torno de trinta mil peças catalogadas e classificadas por assunto, com escrita cuneiforme e feitas de barro e, segundo Souza (2005), os rolos possuíam etiquetas visíveis e eram organizadas em armários divididos, sendo considerada a primeira biblioteca que continha acervo indexado e catalogado.

Podemos citar também as bibliotecas: de Pérgamo, com cerca de 200 mil volumes, as bibliotecas em Roma, particulares e públicas, entre outras. Souza ainda afirma que, em decorrência do grande acúmulo de material, as bibliotecas da antiguidade não sobreviveram.

Partindo para a famosa Biblioteca de Alexandria, surgida por volta dos anos 330 a.C., o incremento do seu acervo era feito sempre que navios chegavam à cidade, sendo obrigados a entregar os rolos de papiro em original e partindo tão somente com uma cópia do material. A biblioteca de Alexandria chegou a ter 700 mil unidades em seu acervo, todavia, recorrentemente era destruída por incêndios, ao menos três, ao longo de sua história, tendo sido completamente destruída sob a alegação de que o material informacional ali existente era desnecessário, visto que o disposto no Corão era suficiente e os documentos que estivessem em desacordo precisavam ser destruídos, caso claro de intolerância religiosa.

Figura 1 – Biblioteca de Alexandria nos dias atuais



Fonte: <https://www.rodrigoenok.blog.br/2008/02/biblioteca-de-alexandria-manuscritos.html>.

Já na Idade Média, prevaleciam as bibliotecas monacais, contendo monges copistas que realizavam cópias de obras para manutenção do acervo em decorrência dos inúmeros roubos. Podemos citar como exemplo as bibliotecas de Cassiodoro e a do mosteiro de Moisés de Nisibis, a de Montes Altos, entre outras. Ainda na Idade Média, verifica-se a existência das Bibliotecas Bizantinas, particulares e universitárias, que, diferentemente das bibliotecas monacais, apresentavam, em sua maioria, um acervo profano. As bibliotecas particulares e universitárias contavam com bibliotecários, passando a ter o papel essencial

naquele ambiente, pois possuíam a missão de organizar o material ali existente (MARTINS, 2002).

Continuando a descrição histórica, no Renascimento, que contempla o interregno do século XIV ao século XVI, a biblioteca, conforme vemos do que diz Santos (2013), assume de fato a missão de disseminadora da informação, algumas possuindo dezenas de copistas para o aumento e formação da coleção, coletivizando o acesso ao acervo. Nesse momento, o bibliotecário passa a se preocupar com detalhes técnicos como a estrutura física e a disposição dos materiais.

Segundo Santos (2010), a partir da colonização do Brasil, em função da censura e de algumas restrições impostas por Portugal, tínhamos apenas as bibliotecas de mosteiros, colégios e particulares, por esses motivos os livros eram raros. Todavia, a grande maioria do acervo disponível no Brasil se aglomerava em conventos. Com a vinda da Família Real Portuguesa, trazendo para nosso país milhares de pelas, deu-se início a futura fundação da Biblioteca Nacional, sendo aberta em 1811 e tão somente em 1814 passou a ser aberta, de fato, ao público, passando a ser denominada dessa forma apenas a partir de 7 de setembro de 1822, data da independência do Brasil.

A Biblioteca Nacional inicialmente foi instalada em um prédio inadequado e enfrentou restrições orçamentárias, baixos salários pagos à equipe, tratamento inadequado do acervo, sendo transferida para um novo prédio que também se mostrou inadequado ante a constante expansão. Apenas em 1910, a biblioteca mudou-se para um novo prédio, que atendia às exigências espaciais e técnicas, onde permanece até os dias atuais. A partir daí, vê-se que há inúmeras bibliotecas, em suas diversas áreas de atuação, de diferentes formas, em diferentes estados, inclusive, com o avanço da tecnologia, há bibliotecas virtuais, disponibilizando materiais nas mais diversas formas de suporte (SOUZA, 2005).

Valentim (2016), afirma que na contemporaneidade, a tecnologia tem sido parceira importante das atividades, visto que a digitalização e disponibilização do acervo busca ainda mais democratizar o acesso à informação, aproximando o usuário e atendendo ao que ele procura. Todavia, há a preocupação acerca da fidedignidade do conteúdo disponibilizado em função do enorme volume de informação produzida, ante a facilidade advinda das ferramentas tecnológicas e consequentemente da propagação, principalmente no que se refere à preservação

dos direitos autorais. Segundo a autora, este é o perfil da biblioteca da contemporaneidade:

Quadro 1 - Perfil da biblioteca contemporânea

Acesso local [in loco] e remoto [intranet, Virtual Private Network (VPN) e internet] às coleções/acervo, por meio de catálogos, bancos e bases de dados internos e externos, bibliotecas digitais e repositórios institucionais.
Armazenamento de conteúdos eletrônicos e digitais em servidores que possibilitam a recuperação da informação em redes de computadores distribuídos.
Ambiente híbrido composto por mídias, suportes e conteúdos impressos, eletrônicos e digitais.
Preservação de conteúdos relevantes por meio de digitalização, utilizando para isso de distintos tipos de tecnologia, proporcionando ao público usuário diferentes maneiras de acesso e recuperação.
Representação de materiais e conteúdos, por meio da aplicação de formatos e modelos que contemplam a cooperação de dados (Z39.50).
Linguagem documentária e natural, por meio da aplicação de classificações, tesouros, terminologias, taxonomias, folksonomias e ontologias
Uso de tecnologias assistivas para portadores de necessidades especiais
Administração centrada na gestão da informação e do conhecimento.
Desenvolvimento da competência em informação na equipe da biblioteca, enfocando a aprendizagem contínua.
Desenvolvimento de programas de competência em informação no público usuário, propiciando condições para o acesso, apropriação e uso de informação, para a construção de conhecimento.
Implementação de tecnologias que proporcionam eficiência aos serviços bibliotecários.
Implementação de tecnologias que proporcionam a autonomia dos usuários, no que tange ao acesso e à recuperação da informação, bem como à interatividade e ao uso do espaço da biblioteca.
Ambiente customizado, visando privilegiar os espaços de interação entre o usuário e a informação.
Serviços e produtos informacionais customizados, podendo ser gratuitos ou pagos, dependendo do tipo de público usuário.
Aquisição planejada e dirigida de conteúdos informacionais, visando atender às demandas e necessidades da comunidade usuária.
Produção de conteúdos informacionais voltados ao público usuário.

Fonte: Valentim (2016)

Assim, a evolução da biblioteca nos mostra uma quebra significativa de paradigmas, passando de um simples depósito de livros, de cunho meramente pessoal e restrito, até chegar a mais importante fonte de informação existente, de livre acesso a todos, independentemente de suas características, físicas ou psicossociais, democrática, auxiliando a evolução das mais diversas áreas do conhecimento e, por conseguinte, na evolução do ser humano.

Mesmo que em sua trajetória histórica as bibliotecas tenham sido idealizadas pelo desejo de poder e de prestígio de um rei, devemos lembrar que sua permanência no decorrer dos séculos não esteve apenas alicerçada nesse objetivo, mas também com a finalidade de armazenamento da memória intelectual de um país e em atender uma “comunidade de leitores” que ocupavam suas salas de leitura para “saborear” o gosto pelos livros e descobrir novas interpretações que um texto pode produzir.

Cabe nessa relação apontar o papel a ser desenvolvido pelo bibliotecário. Sua atuação profissional envolve as tarefas de tratar, organizar, conservar e divulgar as informações, criando catálogos, elaborando bibliografias, estabelecendo regras. Porém, nesse “agir” é necessário propiciar ao leitor uma leitura consciente acerca do espaço social.

4 COGNIÇÃO HUMANA: uma abordagem do processamento da leitura

Nas últimas décadas, ocorreu um incremento nos estudos sobre a cognição humana, principalmente após o surgimento do computador e da modelagem computacional. A ciência cognitiva é uma área de estudos interdisciplinares que se inter-relaciona com psicologia cognitiva, ciência da computação, sistemas de informação, inteligência artificial, neurociências e lingüística, entre outras (LIMA, 2003). A partir dessa inter-relação, as pesquisas desenvolvidas sobre a cognição humana têm buscado apreender o modo como as pessoas pensam, interpretam e percebem o mundo.

A cognição é, de acordo com Neves (2006 apud Piaget, 1983):

Uma forma de adaptação biológica na qual o conhecimento é construído aos poucos a partir do desenvolvimento das estruturas cognitivas que se organizam de acordo com os estágios de desenvolvimento da inteligência.

O desenvolvimento cognitivo é feito, consoante se observa de Davis e Oliveira (2010), referindo-se às obras de Jean Piaget, a partir de quatro etapas: **sensório-motora, pré-operatória, operatório-concreta e operatório formal**, ocorrendo gradativamente com o desenvolvimento da criança.

A fase **sensório-motora**, segundo as autoras Davis e Oliveira (2010), engloba o período entre o nascimento e o segundo ano de vida, o qual a criança interage com o mundo que está ao seu redor e responde aos estímulos sensoriais que diuturnamente o cerca, agindo instintivamente, não possuindo, nesse momento, pensamento não vinculando o presente com o passado ou criando expectativas de futuro, vivendo tão somente o momento atual. O lactente, por exemplo, que engloba as crianças entre três e seis meses de idade, movido pela necessidade fisiológica de sugar para se alimentar, age da mesma forma com quaisquer objetos que encontre, resumindo seu universo a sugar (PIAGET, 2011).

A socialização tem papel fundamental nesse processo inicial, visto que a criança desenvolverá a afeição por aqueles que a cercam, iniciando, também a percepção de si e das pessoas e coisas ao redor. Nota-se também, já próximo ao primeiro ano, imenso prazer ao localizar objetos que sumiram de sua vista e,

anteriormente, qualquer outra coisa a distrairá com facilidade (DAVIS; OLIVEIRA, 2010).

Procedendo a próxima etapa da evolução, conhecida como **etapa pré-operatória**, que engloba o período de dois a sete anos de vida, através de processos advindos da fase anterior, é onde se inicia a oralidade tendo por base símbolos e elementos emblemáticos derivados através de noções pré-existentes, iniciando o pensamento decorrente de ações mentais, tendo como exemplo o fato de se referir a uma pessoa como “mãe” ou “pai”, ou pedir algo específico para comer ou beber. A fase pré-operatória possui pensamentos egoístas no sentido de impedir que a criança pense como outra pessoa, observando apenas a sua ótica. Inclusive, nessa fase a criança ainda não desenvolveu a capacidade de reverter o pensamento a forma inicial (DAVIS; OLIVEIRA, 2010).

Os hábitos de procurar de onde vem um ruído, reconhecer algumas pessoas pela voz ou pela aparência, e pegar o que está ao seu alcance, são de extrema importância para os estágios mais avançados de leitura e desenvolvimento da linguagem que, via de regra, iniciará no segundo ano de vida (PIAGET, 2011).

No período de dois a sete anos de idade, denominado de a primeira infância, e com a iminência do desenvolvimento da linguagem, inicia-se uma fase onde há, basicamente, uma modificação da conduta no que concerne à socialização, ao pensamento e a intuição. A criança então começa a imitar os sons e gestos que percebe, em função das ações determinadas que ocorrem quando da emissão de determinado som, ainda que elementar. Já na fase de sete a doze anos, há uma evolução cognitiva definitiva na criança, pois é a fase a qual inicia sua vida escolar que fará com que o educando interaja com novos mundos e realidades, trabalhando em grupo, onde não se percebe, de forma clara, a ajuda mútua, diferentemente do que ocorre com idades mais avançadas, ou de forma individual. Ainda na idade entre sete a doze anos, percebe-se também que a criança consegue ouvir outros pontos de vista, opinando e concluindo, por exemplo, sobre quem foi vencedor em determinado jogo (PIAGET, 2011).

A próxima fase denomina-se **operatório-concreta**, englobando o período de 7 a 12 anos de idade. Nessa fase o pensamento consentâneo, racional, coerente e focado em um objetivo começa a se sobrepor ao raciocínio meramente perceptivo, conseguindo fazer o que não fazia na fase anterior: reverter o pensamento para a forma inicial. Na adolescência, entre onze e doze anos, é encerrado o

desenvolvimento mental do indivíduo, passando a ser capaz de pensar de forma concreta e lógica sobre os imbróglis que encontra no dia-a-dia, finalizando a formação da sua personalidade (que inicia a partir dos oito anos), parecendo muitas vezes antissocial, porém tal comportamento é explicado pela reflexão e juízo que o adolescente faz acerca da sociedade (PIAGET, 2011; DAVIS; OLIVEIRA, 2010).

A quarta e última fase, a partir dos 13 anos de idade, grau mais elevado do seu desenvolvimento cognitivo, conhecida por **operatório-formal** inicia-se a fase do raciocínio lógico, atribuindo características a coisas, inclusive sobre tamanho, o que é, para que serve e é onde a criança pode começar a utilizar possibilidade, hipóteses, imaginando, criando, todavia, é refém do uso da razão, diferentemente da criança ainda na fase operatório-concreta, que pensa abstratamente.

Diante do exposto, é salutar compreender que a leitura deve ser desassociada da ideia de que ela ocorre apenas mediante algum tipo de símbolos, pois lemos tudo o que nos cerca desde o início das nossas vidas, absorvendo, interpretando, concluindo, dando novos significados aos signos, interagindo e a partir disso elaborando novos conceitos para que se possa fazer juízo de valor sobre as mais diversas coisas. Todavia, a leitura escrita é tão importante quanto à leitura sensorial. Sem essa, não desenvolveríamos nosso olhar crítico sobre o mundo, aceitando tudo o que nos fosse oferecido como verdade absoluta (MARTINS, 2006) .

A leitura não-verbal é tão importante tanto quanto a leitura verbal, que deve ser feita para auxiliar a criação do novo homem e da nova mulher. Essa criação está intrinsicamente ligada à busca de novos conhecimentos, pois a sociedade vem evoluindo de forma rápida e é preciso acompanhar evolução para que não fiquemos desatualizados. Ainda nesse sentido, a leitura é essencial para o desenvolvimento da humanidade, pois através dela seremos capazes de transformar e melhorar o mundo em que vivemos. Em função disso, a alfabetização de jovens e adultos, ainda que ocorra de forma tardia, possui grande valor, pois o educando poderá não só sentir algum objeto, mas poderá, também, escrever e ler a representação gráfica dele (FREIRE, 1989).

O conhecimento é peça-chave para o desenvolvimento. Vejamos o que diz Varela e Barbosa (2012) sobre a informação e as habilidades necessárias à cognição:

O uso da informação consiste nas atividades que realiza o indivíduo para captar a informação e transformá-la em conhecimento, incluindo **habilidades intelectuais, como a interpretação, controle e organização do conhecimento, funções inerentes à cognição.** Nesta perspectiva que o estudo da informação adquire destaque na cultura contemporânea, sendo atinente a diversos campos do conhecimento. A informação é considerada um bem simbólico uma vez que produz, organiza e circula em formato de linguagens, transformada em conhecimento, por meio de processos cognitivos. **A decodificação e a interpretação da informação incluem atividades de leitura, de construção de relações, conhecimentos prévios, novos dados, comparação de diferentes pontos de vista e a avaliação** (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 143) **(Grifo nosso).**

Extraí-se do excerto acima que a leitura é uma atividade primordial à cognição. Sem ela, torna-se complicado ao indivíduo adquirir novos dados a fim de comparar com as informações já existentes que são derivadas de suas experiências vividas. Os indivíduos, em sua maioria absoluta, encontram-se em constante evolução, pois interagem e fazem leituras, ainda que superficiais, de tudo que está ao seu redor, estando portanto constantemente absorvendo novas informações. Eles são formados pelo relacionamento com os pares, construindo e reconstruindo conceitos. Para a análise de determinado conteúdo de um texto, o leitor deve também pesquisar outras fontes e somar à gnose prévia que já possui, assim poderá refletir sobre o novo conhecimento adquirido.

Destarte, diante dos diversos conceitos de leitura abordados neste trabalho, insta elucidar o conceito de letramento. Para Becker e Grosch (2008):

[...] o termo letramento, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Não basta apenas saber ler e escrever, ser alfabetizado. É preciso saber fazer uso do ler e do escrever, respondendo às exigências de leitura da sociedade. É preciso ser letrado.

As bibliotecas – e é claro, os bibliotecários - são peças chave nesse letramento. Becker e Grosch (2008 apud Aguiar, 1996), estabelecem algumas características do leitor competente ou letrado:

O leitor competente ou letrado, em síntese, é aquele que apresenta os seguintes comportamentos:
Sabe buscar textos de acordo com o seu horizonte de expectativas, segundo seus interesses e necessidades;
Adquire livros;

Conhece os locais onde os livros e materiais de leitura se encontram, sejam em bibliotecas, livrarias, entre outros;
 Frequenta espaços mediadores de leitura;
 Orienta-se fácil nas estantes, sendo independente na busca daquilo que lhe interessa;
 Segue as orientações de leitura oferecidas pelo autor;
 É capaz de dialogar com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles;
 Troca impressões e informações com outros leitores;
 É receptivo a novos textos que não confirmem seu horizonte de expectativas;
 Amplia seu horizonte de expectativas e sua visão de mundo a cada leitura.

A tarefa de fazer com que os alunos passem da condição de realizar suas leituras comuns, cotidianas, corriqueiras e obrigatórias, para leituras de prestígio e de satisfação, consideradas uma experiência de liberdade, de felicidade e de encantamento, são objetivos expostos nas práticas do letramento.

O leitor competente ou letrado, não é aquele que apenas lê o que está escrito, mas o que permite que aquela informação o transforme em amplos os sentidos:

Não se trata, portanto, de ser alfabetizado, saber ler e escrever, ato adquirido “mecanicamente”. Mas, sim, de saber que a leitura e a escrita trazem consequências sociais, políticas, culturais, econômicas, cognitivas e lingüísticas para o grupo social ou para o indivíduo que aprende a usá-las. É fazer relações com as leituras já realizadas, é avaliar criticamente a informação, é ser aprendiz independente, é aprender a aprender e buscar aprendizado sempre (BECKER; GROSCHE, 2008).

Para Freire (1989), a leitura de textos, independentemente do suporte em que estejam, possui o condão de contribuir para o desenvolvimento cognitivo do ser, auxiliando, inclusive, na melhoria da escrita no que se refere à regência verbal ou nominal, concordância verbal ou nominal, enriquecimento do vocabulário, entre outros inúmeros benefícios. Para o autor, inclusive, a imposição de leitura de um grande número de textos por parte de docentes, terminar por resultar em um resultado negativo ao esperado, pois a leitura não é feita com qualidade e busca apenas atingir o aspecto quantitativo, precisando tal visão ser alterada e focada, por óbvio, na qualidade da leitura realizada pelo aluno.

Motivados por elucidar os motivos, pelos quais, crianças apresentavam dificuldades na leitura e no desenvolvimento cognitivo, Capovilla et al. (2004), realizaram estudos com 90 crianças entre 5 e 9 anos, aplicando testes e provas específicos e concluíram que:

O presente estudo buscou analisar quais são as habilidades cognitivas mais frequentemente prejudicadas nas dificuldades de leitura e escrita. Participaram 90 crianças de pré-escola e 1a. Série, avaliadas em leitura, escrita, consciência fonológica, memória fonológica, vocabulário, aritmética, processamento visual (cópia e desenho de memória) e seqüenciamento. Com base no escore no Teste de Competência de Leitura Silenciosa, foram selecionadas as crianças com desempenho abaixo de um desvio padrão em relação à média de sua série (os maus leitores) e aquelas com desempenho acima de um desvio padrão (os bons leitores). Foram comparados os desempenhos de bons e maus leitores em cada teste. **Resultados revelaram que os bons leitores tiveram desempenhos significativamente superiores aos dos maus leitores em tarefas de escrita, consciência fonológica, vocabulário, memória fonológica de curto prazo e memória visual com desenho de memória.**

Desta forma, **os resultados sugerem que os processos cognitivos envolvidos na leitura e na escrita estão relacionados fortemente ao processamento fonológico, incluindo consciência fonológica e memória fonológica. Houve, ainda, uma correlação significativa dos desempenhos em leitura e escrita com os desempenhos em aritmética e em seqüenciamento.** O estudo sugere, ainda, que as dificuldades dos maus leitores, em comparação com os bons leitores, estão relacionadas principalmente ao processamento fonológico, que inclui a consciência fonológica, o vocabulário receptivo auditivo, e a memória fonológica, todas habilidades que envolvem processamento da informação baseada na estrutura fonológica da linguagem oral. Houve também um desempenho significativamente rebaixado dos maus leitores, em relação aos bons leitores, no desenho de memória (grifo nosso).

Extraí-se do texto acima, que a leitura – em todos os seus sentidos - são extremamente importantes para a consciência, memória e fonologia, estando diretamente atrelada a evolução da criança.

Ratificando tudo o que já fora dito, Gabriel et. al. (2016), se referindo a estudo realizado por Castro-Caldas et al. (1998) destaca que, informações obtidas após a realização de tomografia, em indivíduos alfabetizados e não alfabetizados, quando instados a repetir vocábulos, não invocaram a mesma área cerebral e os não-alfabetizados tiveram maior dificuldade, possibilitando a conclusão que a leitura alterou a estrutura cerebral dos indivíduos comparados. Nesse sentido, analisando estudo realizado por Dehaene et al. (2010), que envolveu 63 adultos, entre eles analfabetos, não-escolarizados e ex-analfabetos, concluíram que:

Os autores observaram que o fato de haver uma demanda por especialização de uma região cerebral para o tratamento do material de leitura faz com que outras regiões tenham que se reorganizar e concentrar sua atividade em uma região mais circunscrita do córtex, ganhando com isso eficiência. A dispersão de informação no cérebro não é sinônimo de eficiência; ao contrário, há um princípio de economia: mais desempenho com menos esforço, parecendo haver uma especialização por categoria de objetos no córtex ventral visual em letrados, constituindo um mosaico que se complementa.

[...]

Concluíram que a leitura, seja ela aprendida na idade adulta ou na infância, incrementa as respostas cerebrais em pelo menos três maneiras: 1. impulsiona a reorganização do córtex visual, [...]; 2. permite que praticamente toda a rede da linguagem falada localizada no hemisfério esquerdo seja ativada por sentenças escritas. Portanto, a leitura, uma invenção cultural recente, alcança a eficiência do canal de comunicação mais desenvolvido da espécie humana, ou seja, a linguagem oral; e 3. reina o processamento da linguagem oral pelo incremento de uma região fonológica, o planumtemporale, e por permitir que as representações ortográficas estejam disponíveis de modo top-down.

Em remate, após analisar inúmeros estudos, Gabriel et al. (2016), encerra:

1. A aprendizagem da leitura aprimora a percepção visual e auditiva, levando à construção de novas representações e categorias na memória de longo prazo, necessárias para armazenar diferenças sutis percebidas graças à análise fonológica provocada pela associação entre fonemas e grafemas. Da mesma forma, a percepção visual é modelada, já que aspectos como a orientação tornam-se determinantes na identificação das letras, ao passo que aspectos como tipo/tamanho de fonte são desconsiderados ou relegados a um segundo plano.

2. A aprendizagem da leitura cria uma nova forma de aquisição, recuperação e armazenamento de informações na memória, por meio da representação ortográfica das palavras que se conecta às redes da linguagem oral, permitindo que o leitor possa contar com duas chaves de acesso ao conhecimento recuperável por meio da linguagem.

Assim, percebemos que a leitura está diretamente ligada à capacidade cognitiva das pessoas, inclusive, sendo capaz de promover alterações físicas no cérebro humano, contribuindo para celeridade na resposta a estímulos e recuperação de informações.

Desta forma, conforme extraímos de Gomes e Ghedin (2012), o desenvolvimento da inteligência é iniciado desde os primeiros momentos de vida, transpassando as fases senso-motora, pré-operatória, operatório-concreta e a

operatório-formal, sendo decorrente da leitura, ainda que, *ab initio*, primitivamente relacionada a reflexos e percepções do mundo que cerca a criança, vejamos:

Dessa forma, a ação do sujeito é indispensável para a constituição de sua inteligência. É preciso agir para aprender sobre o mundo e sobre as coisas. Podemos dizer que a inteligência nasce à medida que começamos agir e interagir com e sobre o mundo, mesmo que seja com pequenos atos na fase sensório-motora, quando um bebê procura algo que está escondido, por exemplo. Podemos dizer também que aprendemos mais quando participamos ativamente do processo de aprendizagem, ou seja, quando somos conduzidos a construir e não a reproduzir ou repetir mecanicamente um processo (GOMES; GHEDIN, 2012).

Portanto, há que se reconhecer que, a leitura, em quaisquer das suas vertentes, conforme vemos dos estudos acima citados e das observações dos autores abordados no presente trabalho é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, sendo de extrema importância que seja valorizada e incentivada por todos os familiares e, inclusive, por profissionais.

5 ESTRATÉGIAS DO BIBLIOTECÁRIO NO MELHORAMENTO DA COGNIÇÃO

A profissão de bibliotecário, criada pela Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, em seus artigos 6º e 7º, nos traz as suas atribuições da profissão, a qual fora regulamentada pelo Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, *verbis*:

Art. 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação.
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Art. 7º Os Bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quanto à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a:

- a) demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais, ou municipais;
- b) padronização dos serviços técnicos de biblioteconomia;
- c) inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas;
- d) publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;
- e) planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas;
- f) organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial em tais certames.

Inicialmente, cumpre complementar as atribuições da profissão, extraídas da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, do Ministério do Trabalho:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia, constante do Parecer CNE/CES 492/2001, do Ministério da Educação, estabelece como deverá

ser a formação do bibliotecário no âmbito das Instituições de Educação Superior, trazendo inclusive quais competências devem ser desenvolvidas nesse profissional em sua formação:

1. Perfil dos Formandos

A formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc.

[...]

2. Competências e Habilidades

Dentre as competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia enumeram-se as típicas desse nível de formação.

A) Gerais

- gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;
- formular e executar políticas institucionais;
- elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;
- utilizar racionalmente os recursos disponíveis;
- desenvolver e utilizar novas tecnologias;
- traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
- responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

B) Específicas

Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;

- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;
- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; Parecer CES 492/2001 33
- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;
- realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.

Visto a regulamentação legal da profissão e passando a verificar acerca do papel do bibliotecário, é importante ressaltar o abordado por Varela e Barbosa (2012):

Cabe destacar que o bibliotecário, nas atividades de promoção da leitura e formação de leitores-usuários, desempenha funções docentes e, nesse sentido, prescinde de bases pedagógicas, que lhe tornem proficiente no ofício de bibliotecário-educador, quando atua em processos de formação de pessoas. **Neste caso, lhe são requeridas algumas habilidades e destrezas, a exemplo de criatividade, capacidade de comunicação, iniciativa, gestão e liderança, prudência e ousadia ao mesmo tempo, bem como possuir pensamento crítico e analítico; ser capaz de identificar as oportunidades de êxito; e, conseqüentemente, ser capaz de inovar.** O profissional formador deve imergir em áreas como filosofia da educação, psicologia educacional e de aprendizagem, sociologia da educação, inovações metodológicas, tanto na área pedagógica como no âmbito da leitura e na formação de usuários, bem como dominar o manejo de ferramentas computacionais e das estratégias de ensino; estes elementos lhe proporcionarão, também, maturidade para interagir com outros partícipes na formação de leitores.” (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 143.) (*Grifo Nosso*)

Observamos que o papel da biblioteca e do bibliotecário é, também, o de incentivar o hábito da leitura, utilizando de habilidades e destreza para a realização de atividades que chamem atenção da comunidade e que tragam às crianças e aos adultos uma melhoria em seu estilo de vida, na sua dignidade, além de proporcionar uma nova forma de ver o que o cerca, discordando, construindo signos e significados, desconstruindo a ideia de que a leitura não possui benefício aparente, cumprindo então o seu papel de bibliotecário-educador, respeitando os limites individuais e colaborando com a metamorfose cognitiva do usuário-educando. Complementarmente deve ainda adentrar nas áreas afins da educação, ou seja, filosofia, sociologia, pedagogia, psicologia, etc., sendo necessário também que o bibliotecário possua habilidades tecnológicas e informacionais para que possa utilizar a internet como sua aliada para alcançar o seu objetivo que é a disseminação do conhecimento e da informação.

Todavia, Silva (1999), destaca o quanto bibliotecários vinham se apegado apenas ao tecnicismo da sua atividade, sem se preocupar com o usuário e tampouco com sua satisfação informacional:

O problema da biblioteconomia brasileira está na mentalidade retrógrada de um grande número de bibliotecários, que se

apresentam como pequenas autoridades: donas dos espaços públicos; reprodutoras cegas de normas esclerosadas; escravas das fichas de catalogação e de sistemas fechados de consulta; seguidoras servis dos códigos (e não dos caminhos concretos da vida); zumbis de espaços compartimentalizados; marionetes alienadas que só funcionam ao toque da burocracia, incapazes de sair dos enferrujados trilhos do tecnicismo; débeis vivendo atrás das barreiras de seus balcões; seres desacostumados ao diálogo; cópias carbono dos totens autoritários e tocadores da mesmice, cujo único desafio na vida é saber quando vai sair a aposentadoria para que continuem a fazer nada do nada que sempre fizeram (SILVA, 1999, p.99).

Caldin (2005) ratifica que o profissional bibliotecário deve se preocupar não apenas com procedimentos técnicos, mas também com a formação de hábitos em seus usuários:

O bibliotecário tem uma responsabilidade enorme, pois dependerá dele (de seus próprios valores e crenças), o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca. Se ele considerar a educação em um sentido amplo, não limitado somente ao ensino, mas, principalmente, voltada à formação de hábitos e atitudes do aluno, ele não se restringirá a ser um mero técnico-administrativo a serviço da escola. Ele irá lutar pela conquista da igualdade de oportunidades sociais que possibilitem a todos os estudantes o acesso ao conhecimento registrado.

Becker e Grosch (2008) destacam que apesar de percebermos a importância da biblioteca, infelizmente ainda há cidades e escolas que não possuem esse ambiente de aprendizagem e informação, e quando há, não possuem o investimento necessário sequer à manutenção básica, possuem o acervo obsoleto, não possuem o profissional bibliotecário, funcionam em salas incompatíveis com a atividade e tampouco desenvolvem atividades voltadas à atração de usuários.

Atualmente, percebe-se uma melhora nesse sentido, todavia ainda há muito que ser trabalhado. Em 2002, Souza et. al., já percebia tal mudança:

Falar de nossa profissão, hoje, é falar de um profissional que está deixando de lado os estereótipos arraigados há muito tempo na figura da pessoa de óculos e coque que pedia silêncio na Biblioteca, na imagem de um profissional que era um guardião de livros e que tinha a Biblioteca como sua (SOUZA; PARDINI; BRAGA, 2002, p.2).

Como já vimos anteriormente, a partir das bibliotecas do Renascimento, esse profissional passou a ter papel fundamental e estratégico dentro da biblioteca, tanto para organização do acervo a fim de recuperar a informação com maior facilidade, bem como para a disseminação da informação, ratificado por Caldin (2005):

O bibliotecário é o profissional que tem contato com os leitores, conhece seus gostos, interesses e necessidades. Está perfeitamente gabaritado para atuar como crítico na seleção do acervo. Se o bibliotecário se comportar com o um leitor ávido, não ficará temeroso em listar obras que a biblioteca deverá adquirir. Trabalhar em parceria com os professores – sim, delegar a tarefa de selecionar as obras exclusivamente aos professores – jamais.

Devemos ver a biblioteca como uma portadora e disseminadora do conhecimento, pois os livros e todo o conhecimento neles registrados são ferramentas importantes do desenvolvimento cognitivo dos seres humanos. Mas não basta apenas ler, é preciso que o leitor entenda o que o escritor quis passar, que aquele conteúdo tenha algum significado e possa ser aplicado de alguma forma em sua vida. O governo, em todas as esferas, tem por obrigação criar políticas públicas a fim de garantir o acesso ao conhecimento, além de promover os mais variados eventos tendo por objetivo incentivar o cidadão a ler e conseqüentemente evoluir. (CUNHA, 2011).

Nesse espeque, a biblioteca pública é de extrema importância à valorização da disseminação da informação, visto que oferece igualdade de oportunidades a todos, independentemente de classe social, sendo democrática e de extrema importância social, agindo de forma indistinta. Sem ela, os menos abastados, já prejudicados pela falha política educacional do nosso país, não poderiam lutar por uma melhor capacitação e qualificação, refletindo na qualidade de vida sua e de seus familiares (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011).

Todavia, é de suma importância ressaltar que quando alguém faz algo por obrigação e não por prazer, a tendência natural é que ele não faça novamente. A leitura deve ser feita de forma prazerosa. É aí que entra o papel do bibliotecário escolar que pode desenvolver atividades de promoção da leitura como a Hora do Conto, a Hora da Poesia, bem como outros eventos que chamarão a atenção das crianças fazendo com que a leitura não seja enfadonha e nem obrigatória, mas desenvolverá a curiosidade para que elas procurem o livro para saber como se deu

o desfecho de determinada história e assim criará o hábito de leitura, aumentando o vocabulário e possuindo maior senso crítico. (SCHMIEGELOW, 2009.)

Segundo Becker e Grosch (2008), a biblioteca possui um papel fundamental para a disseminação da informação, pois por menor que sejam os eventos realizados para a promoção da leitura, o impacto é gigantesco. Considerando que os leitores de hoje, possuem necessidades diferentes das de outrora, é preciso que o profissional entenda o seu papel pedagógico, que se atualize e que entenda as novas necessidades, sendo essencial que ele tenha uma boa comunicação com os usuários, que seja agradável, criativo, responsável, e que saiba também compreender as crianças e conquistá-las, pois algumas pessoas “castigam” crianças enviando-as à biblioteca, conforme vemos:

Em se tratando da leitura, o uso de bibliotecas deve ser incentivado e começar o mais cedo possível na vida do indivíduo. Infelizmente, isto ocorre precariamente no Brasil: o primeiro contato com a biblioteca escolar é muita vezes um acontecimento negativo, onde a biblioteca passa a ser sinônimo de castigos, imposições, proibições e desconfortos, enquanto deveria constituir-se de uma experiência extremamente positiva (BECKER; GROSCH, 2008 p. 42)

Assim, vimos no texto acima, que a biblioteca, em algumas situações, tem sido vista como sinônimo de castigo e esta atitude não auxilia a incentivar à leitura, que deveria começar nas primeiras idades, ao contrário, a criança desenvolve uma memória negativa ao associar a biblioteca à imposição e às experiências desconfortáveis, o que, por conseguinte, atrapalha o processo do desenvolvimento da cognição.

A biblioteca e o bibliotecário são extremamente importantes no papel educacional, ante o seu papel pedagógico, para o desenvolvimento cognitivo e do ser, conforme destaca Lourenço Filho (1946):

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas idéias, felizmente, a vigorar entre nós. Certas bibliotecas escolares se modernizam, e passam a funcionar de forma menos ineficiente. Outras ensaiam orientar os leitores, sugerir-lhes trabalhos, proporcionar-lhes melhores recursos de organização.

Para Lajolo (1996), alfabetizadores, professores e bibliotecários possuem um papel estratégico na formação de leitores e são detentores do poder de instar a população a melhor entender e questionar a realidade vivida:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere (1996, p. 28).

As bibliotecas escolares, sobretudo as voltadas para os primeiros anos de vida possuem a missão primordial de proporcionar o auxílio necessário à formação através do vasto conteúdo existente, acrescentando informações a fim de favorecer a formação do conhecimento, disponibilizando materiais para o desenvolvimento das atividades de docência, entusiasmando os alunos a utilizarem cada vez mais. (HILLESHEIM; FACHIN, 1999).

Hildesheim e Fachin (1999), referindo-se às obras de Setup (1987) e Oliveira (1987) afirmam que a Biblioteca Escolar é dotada de três funções:

1) função educativa: precisa funcionar como elemento de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares para a melhoria da qualidade de ensino e como instrumento para a formação integral do indivíduo, que é o papel final da educação; 2) função cultural e social: colocar a disposição os produtos da cultura, isto é, livros, periódicos, fitas de vídeo, entre outros, para facilitar a expressão e a transmissão dos conhecimentos e valores para que sejam recriados e evoluam a cada nova geração. Cabe salientar, que a biblioteca não é um espaço físico apenas para armazenar documentos, mas acima de tudo, é um local de convivência, onde os alunos e professores vivenciam situações de aprendizagem, trocam experiências e estabelecem relacionamentos interpessoais. Esta função social pode ser ampliada no momento em que a mesma abre as suas portas para a comunidade; 3) função recreativa educativa: possibilitar ao usuário modificar o seu conceito de biblioteca, através de atividades que o farão aprender a manejar e aproveitar os recursos que ela dispõe, sendo conduzido à leitura (recreativa e informativa), ao trabalho de pesquisa, ao material audiovisual, por prazer e não por obrigação.

Extrai-se do excerto acima que o bibliotecário, pessoa responsável pela aplicação prática das funções educativas, culturais e sociais e recreativa educativa,

deve sempre buscar a satisfação do usuário em amplos os sentidos possíveis. Não basta apenas satisfazê-lo informacionalmente, a leitura recreativa e as ações sociais e culturais devem ser valorizadas pela gestão, visto que elas favorecem a promoção do hábito de ler, atribuindo uma dinâmica diferenciada, podendo ser através de jogos, quiz, apresentações culturais, etc.

Não basta apenas ser um local destinado ao depósito de livros, subutilizado e desvalorizado em seus aspectos significativos, principalmente no que tange à priorização de alocação de recursos humanos e financeiros. É preciso reconhecer o papel da biblioteca-escolar como dispositivo didático-pedagógico mediador e proporcionador do acesso à informação, à leitura, à cultura e à literatura que favorece à proficiência da leitura (SOUZA, 2014).

Portanto, evidencia-se a importância do bibliotecário, sobretudo o escolar, no desenvolvimento cognitivo do ser, que sua profissão vai além de atividades técnicas e que é necessário que assuma o seu papel social, de agente transformador, sendo ainda a um bibliotecário-leitor, atualizado, proativo, empático, competente, possua habilidades e destrezas específicas, criativo, comunicativo, incentivando o leitor a buscar sempre a informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não possui a pretensão de abordar todas as vertentes sobre o que está sendo estudado, mas de ser um ponto de partida para as demais pesquisas que venham a surgir sobre o tema em tela. Todavia, o que podemos concluir, basicamente, após abordar sobre o que é leitura, a história da leitura, evolução histórica dos suportes da escrita, das bibliotecas, passando pela definição de cognição e a influência da leitura, é que a maioria das crianças e adultos que não possuem o hábito de leitura, deu-se em decorrência da falta de incentivo na idade correta aliada à leitura obrigatória e muitas das vezes, meramente avaliativa, além de desinteressante para a realidade do indivíduo, pois considerando a quantidade de informação produzida e em detrimento da pequena capacidade do homem em processar o conhecimento, ele escolherá apenas as que mais despertam o seu interesse.

Vimos que a leitura, sensorial, motora, escrita, etc., são instrumentos de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, pois se inicia desde o início da vida do indivíduo e conclui sua evolução básica até os doze anos de idade, podendo progredir por toda sua vida, dependendo do interesse individual em buscar novos conhecimentos e que este é o período adequado para incentivar a leitura, sendo a biblioteca uma ferramenta importantíssima para, aliada à escola, promover, através de atividades diversas, o ambiente propício à busca pela informação e, inclusive através de exames médicos como tomografias e estudos decorrentes, verificou-se que há um maior desenvolvimento cerebral, colaborando com o desempenho de atividades diárias e profissionais do futuro adulto.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada, podemos concluir que o ser humano deve buscar o conhecimento, além de registrar os novos aprendizados para as gerações futuras, pois todos nós temos algo a repassar para alguém e aliada à prática da leitura, incentivada pela sociedade e pelo governo, seremos agentes transformadores do mundo em função de que não aceitaremos qualquer afirmação ou negação como verdade absoluta, mas procuraremos identificar e realizar leituras de diversos autores antes de chegarmos a determinada conclusão, a fim de aprimorarmos nosso conhecimento sobre determinada área do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo.

Por fim, nós bibliotecários, seja em qualquer tipo de biblioteca que atuemos, possuímos uma missão e uma responsabilidade enorme. Somos agentes de transformação social e possuímos a missão de quebrar os paradigmas existentes, derivados do comportamento de alguns, que esse profissional é aquele que apenas possui por obrigação organizar os livros nas estantes e obedecer às técnicas/regras aprendidas na academia, indicando onde o usuário pode achar o que procura, para uma nova mentalidade: bibliotecário que não só auxilia o usuário em suas buscas, mas aquele que busca se manter constantemente atualizado para atender de forma eficaz as necessidades dos usuários, sendo ético, contribuindo para o crescimento dos seres humanos, desenvolvendo atividades de promoção do hábito da leitura, pois conforme vimos é irrefutável que a leitura promove uma mudança cognitiva no ser. Possuímos a belíssima missão social, juntamente com os professores, de fazer o indivíduo alçar novos voos, ter uma nova e melhor expectativa de vida e, porque não, reduzir os índices de pobreza, não apenas intelectual, mas democraticamente favorecer o acesso à informação e ao conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jul. 1962. Disponível em: <<http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/106/1/Lei4084-30junho1962.pdf>> Acesso em: 12 out. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. 2002. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Parecer CES/CNE 492/2001, homologação publicada no DOU 09/07/2001, Seção 1, p. 50. Parecer CES/CNE 1.363/2001, homologação publicada no DOU 29/01/2002, Seção 1, p. 60. Resolução CES/CNE12;13;14;15/2002, publicada no Dou 09/04/2002, Seção 1, p. 33; Resolução CES/CNE 16;17;18;19;20; 21/04/2002, Seção 1, p. 34.

BECKER, C. R. F.; GROSCHE, M. S. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59/79>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S.l.], v. 16, n. 4, p. 29-41, set. 2011. ISSN 19815344. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1257/970>>. Acesso em: 13 out. 2018.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria B.; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. *Reflections concerning school librarian paper* p. 163-168. **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 163-168, jan. 2006. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431/549>>. Acesso em: 13 out. 2018.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César; SUITER, Ingrid. Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. *Psicol. estud.*, Maringá, v.9, n.3, p.449-458, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000300013>.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, V. A. Incentivo ao habito de leitura como alicerce para o desenvolvimento Humano. **Ponto de Acesso**, Salvador, V.5, n.2, p. 78-87, ago. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5703>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

DAVIS Claudia OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 150 p.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.1, p.23-35, Abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652003000100003>.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. 80 p.

FISCHER, Steven Roger. História da leitura. São Paulo: Unesp. 2006.

GABRIEL, Rosângela; MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. A aprendizagem da leitura e suas implicações sobre a memória e a cognição. *Ilha Desterro*, Florianópolis, v.69, n.1, p.61-78, abr.2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262016000100061&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n1p61>.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R.C.S.; GHEDIN, Evandro. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA

VISÃO DE JEAN PIAGET E SUAS IMPLICAÇÕES A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA. In: VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2012, Campinas. Atas do VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2012. v. 1. p. 1-14.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem p. 64-79. **Revista ACB**, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 64-79, ago. 2005. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/340/403>>. Acesso em: 13 out. 2018.

LAJOLO, Marisa. A formação do leitor no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

LEFFA, Vilson. Aspectos da Leitura – uma perspectiva psicolinguística. Coleção Ensaios. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

LEITURA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/leitura/>>. Acesso em: 20 out. 2018

LOURENÇO, Cintia de Azevedo. **História da produção dos registros do conhecimento**. Slides disponibilizados através de e-mail.

LOURENÇO FILHO, M. O ensino e a biblioteca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

NASCIMENTO, Lucia Lima do; PINTO Valdir Batista; VALE, Helena Cristina Pimentel do. O livro, biblioteca e leitura: conhecer o passado para entender (r) evolução tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013. Florianópolis. Anais CBBD. Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1423>>. Acesso em 06 out. 2018

NEVES, Dulce Amélia. **Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação**. *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol.35, n.1, pp.39-44. ISSN 0100-1965.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Piaget**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul. 2012. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 23 set. 2018.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, fev. 2013. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 50-61, jan./jun., 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA**, 3., 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: [S.I.], 2005. Disponível em: <<http://br.geocities.com/csouza952/producao intelectual.htm>>. : Acesso em 03 jan. 2018.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Dinamização e Mediação na Biblioteca Escolar: potencialidades da leitura literária. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 1, n. 2, p. 3-8, sep. 2014. ISSN 2358-0763. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1449/1270>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SOUZA, Marta Alves de; PARDINI, Maria Aparecida; BRAGA, Maricy Favaro. Bibliotecário: polivalência de uma profissão de futuro ou o futuro de um bibliotecário em tempos de bits.

SCHMIEGELOW, K. Leitura: aspectos educacionais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.2, 355-371, jul./dez., 2009. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/643/pdf_1>. Acesso em: 13 maio 2018.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. O PERFIL DAS BIBLIOTECAS CONTEMPORÂNEAS. In: *Biblioteca do século XXI : desafios e perspectivas / organizadores: Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro, Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira. – Brasília : Ipea, 2016.*

VARELA, A.; BARBOSA, M. L. A. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 17, n. esp.1,

p.142-168, 2012. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/25999>>. Acesso em: 14 nov.
2017.